

Revista
Latino-americana de

Geografia e Gênero

Volume 16, número 1 (2025)
ISSN: 2177-2886

Artigo

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

*“¡Yo Solo Demostré que Existo! ¡Que soy Marivalda,
Hija de Xangô!”: Reina Marivalda y su Lucha contra el
Apagamiento Social a Través de Maracatu-Nación
(Recife, Pernambuco, Brasil)*

*“I Just Showed that I Exist! That I am Marivalda,
Daughter of Xangô!”: Queen Marivalda and her Fight
Against Social Erasure Through Maracatu-Nação
(Recife, Pernambuco, Brazil)*

Larissa Lima de Souza

Universidade Federal do Rio de Janeiro /
Colégio Pedro II - Brasil
larissa.souza.1@cp2.edu.br

Como citar este artigo:

SOUZA, Larissa Lima de. “Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE). **Revista Latino Americana de Geografia e Gênero**, v. 16, n. 1, p. 246-270, 2025. ISSN 2177-2886.

Disponível em:

<http://www.revistas2.uepg.br/index.php/rlagg>

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

“¡Yo Solo Demostré que Existo! ¡Que soy Marivalda, Hija de Xangô!”: Reina Marivalda y su Lucha contra el Apagamiento Social a Través de Maracatu-Nación (Recife, Pernambuco, Brasil)

“I Just Showed that I Exist! That I am Marivalda, Daughter of Xangô!”: Queen Marivalda and her Fight Against Social Erasure Through Maracatu-Nação (Recife, Pernambuco, Brazil)

Resumo

O artigo se dedica a pensar a relação entre espacialidade, cultura e identidade feminina negra e tem como objetivo compreender as territorialidades de Marivalda Maria dos Santos, rainha e presidenta da nação de maracatu Estrela Brilhante de Recife, e homenageada do Carnaval de 2023 pela Prefeitura do Recife. Esta pesquisa integra minha tese de doutorado e seus dados primários foram construídos através de metodologia qualitativa, aliando trabalhos de campo com viés participante a entrevistas semiestruturadas e conversas do cotidiano com meus interlocutores. A análise dos dados revelou que o maracatu-nação é ferramenta para o rompimento de invisibilidades socioespaciais e para a construção de autoestima de mulheres e comunidades negras.

Palavras-Chave: Maracatu-Nação; Estrela Brilhante de Recife; Geografias negras; Feminismo negro; Rainha Marivalda.

Resumen

El artículo está dedicado a pensar la relación entre espacialidad, cultura e identidad femenina negra y tiene como objetivo comprender las territorialidades de Marivalda Maria dos Santos, reina y presidenta de la nación de maracatu Estrela Brilhante de Recife y homenageada en el Carnaval de 2023 por lo ayuntamiento de Recife. Esta investigación forma parte de mi tesis doctoral, cuyos datos primarios fueron construidos mediante metodología cualitativa, combinando el trabajo de campo participativo con entrevistas semiestructuradas y conversaciones cotidianas con mis interlocutores. El análisis de datos reveló que el maracatu-nación es una herramienta para romper las invisibilidades socioespaciales y desarrollar la autoestima de las mujeres y las comunidades negras.

Palabras-Clave: Maracatu-Nación; Estrela Brilhante de Recife; Geografias negras; Feminismo negro; Reina Marivalda.

Abstract

The article is dedicated to thinking about the relationship between spatiality, culture and black female identity and its objective is to understand the territorialities of Marivalda Maria dos Santos, queen and president of the maracatu-nação Estrela Brilhante de Recife and honored at the 2023 Carnival by the City of Recife. This research is part of my doctoral thesis and its primary data was constructed through qualitative participant methodology combining fieldwork, semi-structured interviews and everyday conversations with my interlocutors in dialogue with specific bibliography. Data analysis revealed that *maracatu-nação* is a tool for breaking socio-spatial invisibilities and building self-esteem for black women and communities.

Keywords: *Maracatu-Nação*; Estrela Brilhante de Recife; Black Geographies; Black feminism; Queen Marivalda.

Introdução

Quando nos reconhecemos como mulheres negras, isso não significa que possuímos uma identidade única e estanque, pois somos, a todo tempo, atravessadas pela interseccionalidade (Akotirene, 2019) de nossas outras experiências e identidades, como de origem geográfica, classe social, de pertencimento étnico-religioso, de sexualidade, de faixa etária, entre outras. No entanto, algumas vivências costumam ser comuns a nós, mulheres negras, justamente, devido às opressões de gênero e raça que enfrentamos, como as tentativas de inferiorização, invisibilização, silenciamento, descrédito, estereotipia, entre outras (Nascimento, 2021; Carneiro, 2011; Hall, 2016; Gonzalez, 2020). Nos termos de Sueli Carneiro (2011, p. 127), “a conjugação do racismo com o sexismo produz sobre as mulheres negras uma espécie de asfixia social com desdobramentos negativos sobre todas as dimensões da vida”. Considerando as inúmeras dificuldades impostas às mulheres negras, portanto,

[...] talvez se conclua que a mulher negra desempenha um papel altamente negativo na sociedade brasileira dos dias de hoje, dado o tipo de imagem que lhe é atribuído ou dadas as formas de superexploração e alienação a que está submetida. Mas há que se colocar, dialeticamente, as estratégias de que ela se utiliza para sobreviver e resistir numa formação social capitalista e racista como a nossa (Gonzalez, 2020, p. 62, grifos meus).

Uma Geografia Feminista Negra deve, portanto, ser construída exatamente para romper com a “naturalização da desigualdade de direitos” (Carneiro, 2011, p. 15) e das hierarquias espaciais (McKittrick, 2006), ou seja, com a invisibilidade e depreciação das agências espaciais de mulheres negras. Por vezes, elas exercem um papel de liderança em suas comunidades (como é o caso de Marivalda Maria dos Santos, minha interlocutora), conformam lugares (McKittrick, 2006), estabelecem e disputam territórios, redes (Sack, 1986; Haesbaert, 2012) e/ou integram, transformam e reivindicam paisagens (Claval, 2012; Barbosa, 2020); tensionam, na maior parte das vezes, representações já consolidadas que circulam em espaços embranquecidos e masculinizados. Pensar as mulheres negras como agentes geográficas é fundamental para que a Geografia se torne mais afirmativa, visibilizando não apenas nossas presenças

no mapa, por exemplo, mas, sobretudo, nossas estratégias de luta em prol de direitos coletivos e emancipação (McKittrick, 2021; Gonzalez, 2020), enunciando, assim, um “sentido negro de lugar” (McKittrick, 2006; McKittrick, Woods, 2007).

Este trabalho integra minha tese de doutorado e surge a partir de reflexões despertadas ao longo da pesquisa para sua elaboração, em cidades que integram uma rede cultural de maracatu Rio-Região Metropolitana de Recife, com destaque para Rio de Janeiro e Recife. A questão central deste artigo é: quais são as territorialidades contra o apagamento socioespacial construídas por Marivalda Maria dos Santos, rainha e presidenta do maracatu-nação Estrela Brilhante de Recife?

Inspirada em Haesbaert (2012) e em Sack (1986), considero como “territorialidades” tudo aquilo que é criado e pensado para ampliar a presença no espaço, a continuidade da comunidade e o alcance espacial das nações de maracatu, incluídas as estratégias espaciais mais “zonais” e aquelas mais “reticulares” das conexões, em diferentes escalas geográficas.

O Maracatu-Nação é uma “manifestação cultural performática, ritualística” (Guillen, 2018, p. 115), organizada, principalmente, em formato de cortejos simbólicos. É uma das formas de expressão da cultura negra (Lima, 2014; Hall, 2016), especialmente na região metropolitana de Recife (Ferreira, 2016; Guillen, 2018). Essa prática cultural existe como expressão carnavalesca desde o século XIX e foi registrada, formalmente, como patrimônio cultural imaterial brasileiro em 2014 (Guillen, 2018). As sedes destas comunidades, conhecidas como “nações de maracatu”, situam-se em periferias e favelas, tornando o cotidiano de maracatuzeiro(a)s, majoritariamente negro(a)s, envolto em inúmeros desafios para manter a continuidade de seu patrimônio cultural em meio a um contexto de expansão geográfica de sua linguagem percussiva pelo Brasil e pelo mundo, e, também, de espetacularização da cultura (Lima, 2014; Guillen, 2018).

Em termos teórico-metodológicos, esta pesquisa se ancora, sobretudo, nas contribuições de intelectuais negras e/ou feministas da geografia e de outros campos, como filosofia, antropologia, sociologia e história, bem como dos saberes e práticas de terreiro, os quais integram minha identidade religiosa e foram mobilizados para construir uma conduta de campo que se inserisse no que algumas autoras vêm denominando “metodologias negras”/“*black methodologies*” (McKittrick, 2021) ou “método desde dentro” (Guimarães, 2015, 2020). Minha própria corporeidade de pesquisadora negra, candomblecista, catirina de maracatu¹ (no Rio de Janeiro) e sambista foi fundamental para a construção da metodologia desta pesquisa. Percebo que tanto a dimensão mais externa, fenotípica, quanto aquela mais simbólica, referente ao que se denomina “educação de axé”, foram decisivas para construir uma relação de confiança com as/os interlocutora(e)s deste trabalho, o que tornou possível a minha presença em espaços-tempos que considero bastante íntimos, sobretudo durante a pesquisa com a nação Estrela Brilhante de Recife.

Os dados primários deste artigo são decorrentes de trabalhos de campo, entrevistas semiestruturadas e conversas do cotidiano com minha interlocutora

¹ Em um cortejo de maracatu, as catirinas são personagens que simbolizam mulheres escravizadas e cuja função é proteger a ala da corte real, composta por rei, rainha, damas de paço e casais de príncipes e princesas, duques e duquesas, barões e baronesas, entre outros.

Marivalda dos Santos, rainha e presidenta do maracatu-nação Estrela Brilhante de Recife, e alguns outros membros desta agremiação, entre 2022 e 2024. Durante esse intervalo, morei em Olinda e Recife por cinco meses (julho-novembro de 2022 e ao longo do mês de fevereiro de 2023), quando realizei pesquisas de campo durante o estágio sanduíche² na Universidade Federal de Pernambuco, abrangendo onze nações de maracatu.

As entrevistas foram precedidas pela explicação da pesquisa, assinatura do Termo de Anuência (pela presidência das nações de maracatu) e do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (por todas as pessoas entrevistadas ao longo do campo); elas foram informadas da possibilidade de desistência de participação sem quaisquer ônus. A transcrição das entrevistas foi realizada de modo a respeitar a linguagem verbal de minhas/meus interlocutor(a)s. No caso de Dona Marivalda, por exemplo, é possível perceber aspectos do que Lélia Gonzalez (2020) denomina “*pretuguês*”, o que foi considerado nessa etapa.

Metodologicamente, as relações prévias com Maurício Soares, com quem tive oficinas de dança de maracatu ao longo dos últimos anos no Rio de Janeiro enquanto integrante de grupos percussivos, facilitaram meu acesso à sede da nação Estrela Brilhante de Recife; pude me inserir em campo, realizando uma pesquisa participante que durou quase toda a minha estadia em Recife, quando desfilei como membro da corte real no Festival de Garanhuns (julho de 2022) e acompanhei oficinas e ensaios do baque³ e desfilei como agbezeira⁴ na percussão da nação (fevereiro de 2023). Na fase de ensaios para o Carnaval no fim de 2022, fui hóspede de Dona Marivalda por alguns dias⁵, construindo, no cotidiano, uma relação de proximidade (Santos, 2008). Em 2023, morei por um mês em uma das casas do quintal de Mestre Maurício Soares, onde também funciona o seu terreiro de Jurema Sagrada. Durante a estadia em Pernambuco, construí uma relação de vizinhança (Santos, 2008), convivi e compartilhei experiências com integrantes da nação Estrela Brilhante de Recife no Alto José do Pinho em momentos diversos (ensaios na sede, apresentações/“tocadas”, arrastões pela comunidade, cerimônias religiosas, refeições, confecção de adereços, Traga a Vasilha⁶, aniversários, eventos culturais de samba e brega etc.). Em outubro de 2023, participei de uma roda

2 Pesquisa financiada pelo CNPq e realizada no Laboratório de estudos sobre Espaço, Cultura e Política da Universidade Federal de Pernambuco (LecGeo- UFPE) com duração de quatro meses (julho a novembro de 2022). A pesquisa também contou com o apoio financeiro do Colégio Pedro II.

3 “Baque” é a denominação usada para o conjunto percussivo de maracatu-nação, geralmente constituído por instrumentos como bombo/alfaia, caixa/taról, mineiro, gonguê e outros introduzidos a menos tempo, como o atabaque e o agbê/xequerê.

4 Agbezeira ou agbezeiro é quem toca o instrumento percussivo agbê, também conhecido como xequerê, composto por uma cabaça oca, envolta em uma rede de miçangas.

5 Dona Marivalda e seu esposo, senhor Jair, gentilmente, me convidaram para dormir em um dos quartos da sede do Estrela Brilhante de Recife quando houvesse ensaio da nação para que eu não precisasse retornar muito tarde à casa de meu tio-avô em Casa Caiada, Olinda, onde residi durante a primeira fase do meu campo (julho a novembro de 2022).

6 Traga a Vasilha é um encontro de batuqueiro(a)s e mestre(a)s com o objetivo de promover performance percussiva e trocas coletivas entre integrantes de diferentes nações e grupos percussivos de maracatu. Ocorre no Recife Antigo desde 1999.

de conversa promovida pelo grupo Tambores de Olokun (em que realizei pesquisa participante), no Rio de Janeiro, com a Rainha Marivalda e a Princesa Gení, sua filha biológica.

Aqui destaco a relevância dessa mulher negra de axé, Rainha Marivalda, no contexto maracatu-nação, em termos de salvaguarda deste patrimônio cultural e, também, de articulação em prol da cidadania das/dos demais detentora(e)s de sua comunidade e nação de maracatu, majoritariamente constituídas por pessoas negras e de baixa renda. Em especial, o ano de 2023 conferiu grande visibilidade e reconhecimento para esta liderança maracatuzeira, pois Dona Marivalda foi uma das personalidades homenageadas pela Prefeitura do Recife no Carnaval dessa cidade.

Este trabalho está dividido em três partes principais: 1) Rainha Marivalda: do samba ao maracatu-nação, que apresenta a trajetória de Dona Marivalda no maracatu e suas estratégias socioespaciais para a maior circulação cultural da nação Estrela Brilhante de Recife; 2) O exercício do poder no cotidiano da Rainha Marivalda, em que reflito sobre a espacialidade do maracatu-nação e o papel da rainha dentro dessa manifestação cultural, as diferentes atribuições desempenhadas por Marivalda para fortalecer sua agremiação e a homenagem feita pela Prefeitura do Recife no Carnaval de 2023 e recebida por ela; 3) Em Visibilizando existências na paisagem e no território, o debate se volta para as representações, espacialidades e afirmação identitária de mulheres negras a partir da interpretação de algumas imagens de Dona Marivalda construídas pela Prefeitura de Recife e expostas na paisagem da cidade no Carnaval de 2023.

Rainha Marivalda: do samba ao maracatu-nação

Marivalda Maria dos Santos, “rainha e presidenta” da nação Estrela Brilhante de Recife, como costuma se apresentar publicamente, é uma mulher negra, de terreiro, com setenta e dois anos de idade. Ela lidera sua nação de maracatu, sediada em sua residência na comunidade do Alto José do Pinho, zona norte de Recife, desde 1995 e é, atualmente, uma das detentoras do Maracatu-Nação mais reconhecidas no Carnaval do Recife, tendo sido uma das personalidades da cultura popular homenageadas oficialmente pela Prefeitura da Cidade do Recife no Carnaval de 2023.

No âmbito das manifestações culturais negras, Dona Marivalda tem contribuído intensamente tanto em termos materiais quanto simbólicos, desde o samba até o maracatu. Refiro-me ao seu ofício de costureira, figurinista e aderecista, compartilhado com outras pessoas de sua comunidade em seu ateliê de costura, até a sua performance como rainha e presidenta de um maracatu-nação, marcada por muitas inovações, mas também por estratégias de afirmação como detentora de uma cultura (Salgueiro, 2013), ou seja, pela luta pela salvaguarda do maracatu-nação e pelo seu reconhecimento nesse processo contínuo. Ao contar sua trajetória, a rainha afirma:

Comecei no samba, quando era de Gigantes⁷, né. Vivia dentro de Gigantes do Samba, costurando, brincando. Era o meu lazer, era Gigantes. No tempo de vinte e cinco anos mais ou menos, aí surgiu a história de maracatu. Não que eu não gostasse... sempre acompanhei

maracatu, Leão Coroado, o Elefante, são os maracatus da minha infância. Ai eu fui convidada, ai eu pensei direitinho, ai fui para o Leão Coroado. Seu Luiz de França, esse coroa que tá aí: Seu Luiz [a rainha neste momento, aponta para a fotografia do antigo mestre do Leão Coroado, pendurada em seu ateliê] (Dona Marivalda dos Santos, em depoimento fornecido à autora em entrevista na sede da nação Estrela Brilhante no Alto José do Pinho, em 29 de outubro de 2022).

A experiência de Dona Marivalda na referida escola de samba, como costureira e desfilando na avenida, foi partilhada com Walter França (Kubrusly, 2007), antigo mestre da nação Estrela Brilhante, o que resultou em trânsitos culturais e inovações na linguagem estética e musical do maracatu-nação, mas sempre dialogando com ideias de “tradição” e “autenticidade” (Salgueiro, 2013). Como exemplo de tais inovações, é possível citar a gravação de CDs (França Filho, 2016) e a introdução de muitas convenções, “paradinhas ou breques” (França Filho, 2016, p. 102), as quais passaram a ser intensamente ensinadas em oficinas de baque virado pelo Brasil e pelo mundo, a ponto de servirem como base para outras nações e grupos percussivos de maracatu (Carvalho, 2007; França Filho, 2016), o que levou o baque do Estrela Brilhante de Recife a se tornar mais “sistemático” (Carvalho, 2007).

Foi por meio desta vivência na Gigantes do Samba, também, que Dona Marivalda e Walter França conheceram Lourenço Molla, descrito por Kubrusly (2007, p. 102) como “artista plástico da escola e responsável pela idealização das vestes e dos carros alegóricos” e como um “interlocutor da classe média” que teria sido responsável pela passagem de Marivalda e Walter por três nações de maracatu: Leão Coroado, Elefante (ressurgido) e Estrela Brilhante de Recife. A partir de 1993, Molla reativou o Estrela Brilhante de Recife em Casa Amarela e, dois anos depois, o maracatu passou para as mãos de Dona Marivalda (Kubrusly, 2007; Salgueiro, 2013; França Filho, 2016). Em entrevista realizada na sede do maracatu Estrela Brilhante de Recife, em 2022, sua rainha e presidenta explicou como foi o início desse processo:

Quando eu me afastei do Leão Coroado, aí surgiu o Estrela Brilhante. Aí apareceu o Estrela Brilhante. Então, o rapaz [Lourenço Molla] ligou pra aqui, dizendo que... Aí eu disse: “Oxente, Estrela Brilhante da onde?”. Ele já existia! Mas eu não tinha bem o conhecimento com ele. Aí ele; “Estrela Brilhante, menina, de Cabeleira, pa pa pa”. Eu disse assim: “Sei quem é Cabeleira.”. “E Cláudia”. “Sei quem é ela, também. E por que Mãe Cláudia não fica?”. “Não, porque... uns problemas aí”. Tá. Aí fomo lá na casa dele [Cabeleira], que ele

7 Grêmio Recreativo Cultural e Arte Gigantes do Samba é uma escola de samba sediada na Bomba do Hemetério, zona Norte do Recife, nas imediações do Alto José do Pinho. De acordo com Kubrusly (2007), a Rainha Marivalda atuou na Gigantes do Samba até os anos 1980. Por meio de minha pesquisa de campo em 2022 e 2023, verifiquei que alguns batuqueiros da nação Estrela Brilhante de Recife também são ritmistas daquela agremiação, muitos torcem por ela, sendo sua sede um importante espaço de lazer das comunidades do entorno. Alguns batuqueiros do Estrela Brilhante de Recife também afirmaram que a sede da Gigantes do Samba já havia sido utilizada para ensaios deste maracatu em anos anteriores à minha pesquisa.

morava aqui no Alto do Paschoal, morava, sei nem se ainda tá vivo... Fomo lá, conversemo com ele, tava muito doente e queria que o maracatu fosse pra vender. Fomo lá, conversemo com ele, aluguelo uma caminhonete e fumo com o maracatu lá pra Casa Amarela, pra casa do menino que era coordenador [Lourenço Molla]. Eu disse “Aqui em casa não dá, não. Minha casa é muito pequena...” . Porque eu não tinha isso aqui, não [em referência ao atual ateliê nos fundos da sede]. Era daí pra frente. Aí fumo pra Casa Amarela, pra casa dele [Lourenço Molla]. Passou dois anos em Casa Amarela. Depois de dois anos, ele adoeceu, teve bem doente, aí foi pra Pátio. Ele é de Pátio. Aí ele me chamou e disse: “Óia, tu vai levar pra tua casa.” Eu disse assim: “Meu Deus! Tá alma esse maracatu, essas coisa!” Sei que foi indo, foi indo... Eu tinha esse quarto que Than [Jonhatan] mora com um outro quarto que tava desocupado; era um só, um quadrado.

Aí eu “Ah, vou buscar...”. Aí, tem um batuqueiro aqui que trabalhava numa fábrica de vassoura . Tinha uns caminhão baú lá. Aí Eu falei com ele: “Óia,, vê se tu não fala com seu chefe pra, na hora do almoço, vir pegar as coisa do maracatu”. Ele disse: “Oxe, é mesmo?”. Eu disse: “É”. “E cadê Molla?”. Chamavam ele de Molla, era Lourenço, mas a gente chamava ele de Mola. Aí: “Tá doente, tá indo pra casa da família dele, que ele morava sozinho e disse que leva... puxasse outro maracatu”. Ele disse: “Tá, eu vou!”. Quando foi de meio dia, ele... eu fui lá pra Casa Amarela, esperei ele, aí ele chegou lá com o caminhão. A gente colocou as coisa dentro, o que tinha pra vim... Aí trouxemo pra aqui, coloquemo, isso foi no mês de Maio. Aí trouxemo, botemo aqui. Aí passou Maio, Junho, Julho, Agosto e o ano foi se passando. Aí eu liguei pra ele, como é que ia ficar? Se o maracatu ia realmente ficar aqui comigo, que que ele ia resolver. Ele disse: “Resolva e eu não quero mais o maracatu. Vá na Federação, na Federação Carnavalesca, e passe, fale com Manoel Mendes, e pode passar pra seu nome” (Dona Marivalda dos Santos, em depoimento fornecido à autora em entrevista concedida no ateliê da sede da nação Estrela Brilhante de Recife, em outubro de 2022).

De acordo com Ivaldo Lima, historiador e ex-mestre da nação de maracatu Cambinda Estrela,

José Martins, mais conhecido como Cabeleira, foi o articulador do Maracatu Estrela Brilhante entre o final dos anos 1960 até meados da década de 1990, quando repassou o espólio do grupo para Mola. José Martins comprou o Estrela Brilhante da viúva de Cosme Damião, Assunção, que manteve o maracatu até 1966. Lourenço Mola era artista plástico, organizador de eventos ligados ao carnaval recifense. No início dos anos 1990 envolveu-se em uma contenda com Luiz de França, o que lhe fez retirar-se do Leão Coroado⁸. Ao comprar o Estrela Brilhante de Cabeleira, Mola reuniu em torno de si seus colaboradores que lhe acompanhavam desde suas andanças na

Escola Gigantes do Samba. Marivalda, atual rainha e articuladora do grupo, recebeu o Estrela Brilhante das suas mãos após seu desencanto com os maracatus de modo geral. Mola e Cabeleira já são falecidos (Lima, 2016a, p. 172, rodapé).

Existem algumas versões sobre a passagem do maracatu Estrela Brilhante de Recife para Dona Marivalda, sobretudo, em relação às razões para Lourenço Molla passar a responsabilidade desta agremiação para a sua atual rainha e presidenta. Seja por conflitos judiciais, como diversos trabalhos acadêmicos apontam (Kubrusly, 2007; Salgueiro, 2013; Lima, 2016a; França Filho, 2016), ou por motivo de doença, como na narrativa de dona Marivalda, essa mudança na presidência exigiu sua articulação para lidar com desafios que iam desde a necessidade de mais instrumentos, constituição e formação do baque⁹, espaço para ensaios, críticas¹⁰ na mídia e por parte de maracatuzeiros de outras nações (Carvalho, 2007; França Filho, 2026). Nas palavras da rainha Marivalda,

Começou, né, a luta! Que é uma luta, né? Maracatu não tinha nada. Tinha umas 3 roupinha; instrumentos, só era 13. Treze instrumentos, um tarol, treze bombo de macaíba. Ele era artista plástico e disse: “vamos fazer isso de macaíba, a gente oca” e não sei o que. Eu disse: “Oxe, macaíba?”, eu né, não entendia... Ele disse: “Faz que macaíba é oca, é a bucha, você vai ocar e vai ficar o casco”. Eu falei: “Faz, se

8 A situação de divergência e briga judicial entre Lourenço Molla e Luiz de França, resultando na passagem do Estrela Brilhante para as mãos de Dona Marivalda, também aparece em Kubrusly (2007). Esta autora afirma que “Em 1995, Luiz de França com o apoio massivo de intelectuais, inclusive o de Katarina Real, ganha a briga na justiça e Lourenço Molla recebe um mandado de prisão. Em meio às brigas que chegaram à Justiça oficial, envolvendo pessoas, escolas de samba e maracatus, o novo dono do Estrela Brilhante não poderia mais ficar à frente do maracatu que se preparava para sair no carnaval de 1995. Até então, Lourenço Molla era uma espécie de presidente-administrativo, pois quem organizava e dirigia a ‘corte do maracatu’ e o ‘bataque’ ou ‘orquestra de bombos’ eram respectivamente Marivalda e Walter. Nesse contexto de conflitos jurídicos, a sede do maracatu foi transferida para a casa de Marivalda no Alto José do Pinho que passa a assumir, em parceria com seu “pai de santo” George de Ogunté, as obrigações religiosas para colocar novamente o maracatu Estrela Brilhante na rua” (Kubrusly, 2007, p. 104, grifos no original.). De acordo com Salgueiro (2013, p. 58), devido a brigas judiciais, Molla chegou a ser preso e foi, então, que o maracatu passou para as mãos de Marivalda e Walter. Em França Filho (2016, p. 106), constam em nota de rodapé duas reportagens do “Diário de Pernambuco”, publicadas em 12/02/1995 e 09/02/1995, acerca da disputa judicial entre Molla e Luiz de França por “bombos e fantasias”. Nas palavras deste último autor, historiador e filho biológico de Walter França, ex-mestre da nação Estrela Brilhante de Recife: “Lourenço Molla viaja para Alemanha, diz que iria ‘pendurar as chuteiras’ deixando o Maracatu-Nação Estrela Brilhante do Recife no mês de dezembro de 1995 para os componentes que o acompanharam nos anos anteriores continuarem.” (França Filho, 2016, p. 106). Não é mencionada prisão de Molla no trabalhos dos historiadores Lima (2016) e França Filho (2016), mas, sim, um descontentamento tanto do artista plástico quanto do ex-mestre do Leão Coroado, o sr. Luiz de França, que em 1995 decidiu não desfilar com o seu maracatu.

9 A linguagem percussiva das nações de maracatu é genericamente chamada de “Baque Virado”. Esta também é uma categoria utilizada por detentores das nações de maracatu, por fazer referência à chamada “viração dos tambores”: enquanto alguns tambores são tocados em “marcação”, funcionando como base percussiva, outros vão “virar”, quando as/os batuqueira(o)s determinada(o)s para tal função “dobram” os toques percussivos executados dentro de um mesmo compasso musical. No entanto, cada nação de maracatu desenvolve, ao longo do tempo, sua própria identidade percussiva ou “sotaque” dentro da linguagem de baque virado.

tu sabe fazer...”. Aí peguemo um caminhão, fomo pra Guabiraba com a serra, cortemo treze bombo e o caminhão trouxe. Pra ocar, aí verde... pra ocar verde, é triste. É bom ocar quando ele tá maduro, envelhecendo, mas ele verde, o coco foi de... Aí foi esse povo, né, que hoje em dia não tem nenhum aqui; que me ajudou a fazer os instrumentos não tão; um foi pra São Paulo, pro Rio, pra não sei pra onde. São Estrela, mas não tão dentro do Estrela. Aí, pronto, a gente disse: “Vamo tocar pra ver onde é que chega, que vai chegar!”. Puxa pra ali, puxa pra cá.

Tinha um amigo meu que era de abano¹¹, faleceu... Era Rubem o presidente de Abano. Ele me deu um bocado de corte de pano, disse “Oh, eu vou te ajudar”. Teve um tempo que ele queria me ceder a sede pra fazer eu festa pra ter dinheiro. Mas aquilo ali era uma associação, era muito... o pessoal brigava com ele, eles brigava comigo. Era uma confusão, puxa pra lá, arrasta pra cá. Eu disse: “Sei não. Quero não, Rubem”. “Não, vai, é minha, é no meu nome!”, pa pa pa... “Eu sei que é sua, mas é que você botou já uma agremiação dentro. Aí não vai tirar uma agremiação pra botar outra, né? Eu acho que não vai dar certo, mesmo”. Então, eu não aceitei a banda dele, eu ficar lá com o maracatu. Aí foi o tempo que ele adoeceu também, deixa pra aí... o fogo, simbora. A sede ficou pra ele, botaram presidente, botaram... Aí tinha uma presidente que morreu, também; a que tava quando ele morreu também adoeceu, morreu.

E eu fiquei aqui no Estrela e “Vamos tocar pra frente, né, já que tá aqui”, Barco perdido, como é? Bem carregado, né? Afundado, bem carregado. Toquei pra frente, fui indo, caminhando devagarzinho, num espaçozinho (Dona Marivalda, em entrevista concedida à autora no ateliê da sede da nação Estrela Brilhante, em outubro de 2022).

10 As críticas eram, sobretudo, pelo fato de a nação Estrela Brilhante de Recife ter começado a receber pessoas de classe média, majoritariamente brancas, para compor seu baque na fase de reestruturação a partir de 1995. Em França Filho (2016), esse fato é apontado como uma das estratégias da gestão de Marivalda e do então mestre Walter França para que o maracatu circulasse e ganhasse visibilidade, devido à inserção que esses estudantes de música possuíam no mercado cultural. Este autor também se dedica a pensar as relações, os ganhos e os conflitos surgidos a partir dessa convivência entre batuqueiros da periferia (Alto José do Pinho e imediações) e da classe média na nação Estrela Brilhante de Recife (França Filho, 2016). Atualmente, a partir de meus trabalhos de campo, é possível afirmar que a nação Estrela Brilhante de Recife, apesar de continuar aberta à participação de batuqueira(o)s “de fora”, branca(o)s e não-branco(a)s, é majoritariamente composta por jovens negra(o)s e periférica(o)s residentes na comunidade do Alto José do Pinho e imediações, muito em decorrência da estratégia do seu atual mestre Fábio Aquino (Fabinho) de realizar oficinas gratuitas voltadas, sobretudo a crianças, jovens e adultos da comunidade em que a nação se insere. O campo também mostrou que diversas outras nações de maracatu atuais costumam receber batuqueira(o)s branca(o)s externa(o)s à comunidade em que estão sediadas, seja da própria cidade de Recife, de grupos de maracatu de outras cidades brasileiras, ou mesmo de grupos de maracatu de cidades estrangeiras. A participação de pessoas brancas, sobretudo de classe média, nas nações de maracatu é uma das principais questões contemporâneas dessa cena cultural e carece de um aprofundamento maior que foge ao escopo deste artigo e será debatido em trabalhos futuros.

11 Troça Carnavalesca Mista Abanadores do Arruda, conhecida popularmente como “Abano”. Mais informações sobre a agremiação, ver em: <https://www.mapacultural.pe.gov.br/agente/27313/#info>. Acesso em: 08 jul. 2024.

Além das inovações ocorridas nos figurinos e no baque, a nação Estrela Brilhante de Recife criou outras estratégias para ampliar seu alcance espacial em outras escalas. Como parte de suas territorialidades, podemos mencionar: a) a permissão da participação de jovens de classe média, o que possibilitou a participação em mais eventos culturais (França Filho, 2016; Lima, 2016b); b) o estabelecimento de uma rede de grupos de maracatu que foram amadrinhados pela nação, como o Rio Maracatu¹² no Rio de Janeiro e, inclusive, fora do Brasil, como o maracatu Colônia, da Alemanha. Dentre estes eventos, um dos mais importantes (Lima, 2016b) e mais lembrados por Dona Marivalda foi sua ida para a Expo 2000, ocorrida em Hanoover, na Alemanha, representando o seu maracatu.

Em entrevista, ela compartilhou que o montante arrecadado foi utilizado para construir um novo cômodo em sua residência e sede da nação (Figura 1), que passou a funcionar como o ateliê da nação, espaço de design e confecção de fantasias e adereços.

Figura 1 – Fachada da atual sede da nação Estrela Brilhante de Recife, no Alto José do Pinho (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, 2023.

A nação Estrela Brilhante de Recife tem sido, desde a década de 2000, uma das nações com maior destaque no Carnaval de Recife, tendo recebido seu primeiro título em 2002¹³. Alguns autores afirmam que este maracatu tem exercido uma hegemonia dentro deste contexto cultural (Lima, 2016b) e não devemos ignorar tal fato quando pensamos nas estratégias articuladas para a manutenção e o fortalecimento dessa agremiação.

12 Apesar de ter iniciado como um grupo afilhado do Estrela Brilhante de Recife em 1997 e até hoje estabelecer fortes vínculos com esta nação, o Rio Maracatu recebe mestre/mestras de outras nações pernambucanas e também não restringe suas performances às toadas do Estrela Brilhante de Recife.

O exercício do poder no cotidiano da Rainha Marivalda

O maracatu-nação é uma manifestação cultural organizada como cortejo real, em que um casal de rainha e rei são reverenciados durante sua performance. O cortejo das nações de maracatu, atualmente, sempre conta com alguns elementos simbólicos obrigatórios durante o Desfile de Agremiações Carnavalescas, como as bonecas calungas¹⁴ (carregadas pelas damas de passo), o porta-estandarte, os casais reais que constituem a corte, como príncipe e princesa, baianas ricas, catirinas e o baque.

Toda a disposição espacial é organizada de forma que o casal real entre por último, sob um pálio (espécie de guarda-sol), recebendo a saudação de sua nação e do público presente. Em relação ao casal de rei e rainha em um cortejo de maracatu, são fundamentais os símbolos que remetem à realeza: coroa, cetro, espadim e capa, por exemplo. Tanto os itinerários dos cortejos, em si, quanto os elementos que os constituem podem ser considerados como “geossímbolos” dos grupos que denominamos nações de maracatu, na medida em que adquirem uma “dimensão simbólica que os fortalece em sua identidade” (Bonnemaison, 2012, p. 292). Um dos batuqueiros interlocutores de minha pesquisa, que participa há cerca de vinte e dois anos da agremiação, afirmou:

Eu comecei a sair aqui aos cinco anos de idade, dançando. Dancei muito! Brigas pra sair segurando a capa de Dona Marivalda. Era um ano de cada vez. Pra ver que o maracatu era tão importante que a gente nem ligava em tocar, a gente dançava. E era briga pra segurar a capa, pra sair por último com Dona Marivalda (João Vitor Ferreyra [Java], em entrevista concedida à autora em setembro de 2022, na sede da nação Estrela Brilhante de Recife, grifos meus).

Verificamos, nesse depoimento, que tais símbolos portados pela rainha podem adquirir um significado afetivo que contribui para o senso de pertencimento à nação de maracatu. Toda a performance da rainha, portanto, envolve também a participação e o reconhecimento de quem é parte de sua nação, incluindo as crianças. De acordo com Ferreira (2016),

Atualmente, o capital simbólico, entre as rainhas dos Maracatus-Nação, é exercido principalmente por Dona Marivalda e Dona Elda Viana¹⁵ das Nações Estrela Brilhante do Recife e Porto Rico, respectivamente. Ambas as rainhas estão no imaginário coletivo dos Maracatus-Nação como o modelo de realeza feminino. Com isso, também possuidoras de um poder simbólico, elas exercem grande influência nos seus meios e são referências às Nações que almejam maior visibilidade desde o carnaval e possibilidades de saírem de Pernambuco e do Brasil para se apresentarem em outras localidades (Ferreira, 2016, p. 168, grifos meus).

13 Na sede da nação, um dos cômodos, além de funcionar como escritório, contando com equipamentos de informática, é dedicado a exibir todos os troféus já recebidos pelos campeonatos no Concurso de Agremiações Carnavalescas de Recife.

14 A calunga, termo de origem banto (Lopes, 2006), é uma boneca sagrada que representa a ancestralidade nas nações de maracatu, estabelecendo a conexão com os antepassados e adquirindo um papel fundamental na prática cultural e religiosa no maracatu-nação.

Parte desse capital simbólico foi construído, também, por meio da celebração da coroação pública¹⁶. Tanto Dona Elda quanto Dona Marivalda¹⁷ reafirmaram esse poder por meio da cerimônia de coroação, quando já atuavam como rainhas junto a suas respectivas nações, o que levou algumas autoras a compreender que as coroações públicas de ambas foram organizadas como estratégia em busca de legitimidade (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017), o que, de fato, adquiriram (Ferreira, 2016). O vínculo com o culto aos orixás também é base para esta construção de legitimidade de rainhas coroadas (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017); porém, ele não se dá apenas se a rainha possuir o cargo de iyalorixá (mãe de santo), como é o caso da rainha da nação Estrela Brilhante de Recife, a qual possui o cargo de Ekede¹⁸. Atualmente, Dona Marivalda de Xangô é Ekede de Iemanjá do terreiro Ilê Axé Oxaguiã Oxum Ipondá¹⁹.

O protagonismo das rainhas (Guillen, 2007; Oliveira, 2011, 2017), parece ser reforçado quando elas atuam, também, como presidentas da nação de maracatu (Oliveira, 2011), o que as lança em frentes de negociação com representantes do poder público instituído e/ou através do poder religioso. Nas palavras da senhora Marivalda dos Santos,

Eu era tesoureira na época do menino [Molla], eu saía como rainha e era tesoureira. Depois ele foi-se embora, deixou comigo, aí eu tinha que passar à frente. Aí eu botei o meu amigo como tesoureiro e passei a ser rainha, também, e presidenta, pra pode fazer as coisas, assinar,

15 Dona Elda Viana (1939-2025), devido ao estágio avançado do Alzheimer, deixou de entrar na Avenida no Carnaval de 2023, mas continuou sendo rainha da nação Porto Rico, sediada no Pina, até seu falecimento, em maio de 2025. Foi simbolicamente representada por sua filha no referido carnaval.

16 Sobre o papel das coroações nas nações de maracatu, ver Guillen (2007), Oliveira (2011, 2017) e Souza (2024).

17 “Marivalda Santos, rainha do Estrela Brilhante do Recife, foi coroada em 15 de Novembro de 2002, na frente da Igreja de Nossa Senhora do Rosário dos Homens Pretos do Recife, pelo babalorixá (pai de santo) Raminho de Oxóssi e por Elda Viana, rainha do Porto Rico. A festa foi patrocinada pelo Núcleo de Cultura Afro-brasileira, da Prefeitura da Cidade do Recife” (Iphan/Fundarpe, 2013, p. 150).

18 Ekéde é um cargo ocupado por mulheres escolhidas para auxiliar diretamente as mães de santo (iyalorixás), os pais de santo (babalorixás), os orixás e a comunidade de um terreiro. A depender da doutrina de cada casa de axé, as ekédes não costumam entrar em transe espiritual durante o exercício de sua função, mas são, comumente, chamadas de “mãe” por exercerem a função de cuidados em diversos espaços em um terreiro.

19 Terreiro localizado em localizado na Rua Três Morros, 35b, Córrego do Jenipapo, Recife. liderado pelo Babalorixá Júnior de Ajagunã e pela Iyalorixá Gení de Oxum Ipondá, filha biológica de Dona Marivalda e uma das princesas da nação Estrela Brilhante de Recife. Anteriormente, Dona Marivalda exercia o cargo de Ekede “no Ilê Asé Omyñ Ogunté, pertencente ao Babalorixá Jorge de Ogunté” (Koslinski, 2011, p. 57-58), Jorge José Ribeiro, terreiro localizado na Bomba do Hemetério (Kubrusly, 2007, p. 21) no qual realizavam-se as obrigações religiosas da nação Estrela Brilhante de Recife até o falecimento do referido líder religioso. Dentre estes rituais, podemos citar a cerimônia de saída das calungas (Kubrusly, 2007) para o Carnaval e, de acordo com batuqueiros interlocutores da minha pesquisa, o encontro com a entidade Mestre Cangarussu, entidade da Jurema Sagrada que rege a nação Estrela Brilhante de Recife e era incorporada por Jorge de Ogunté. Atualmente, a cerimônia de encontro com Mestre Cangarussu, da qual pude participar em 13 de fevereiro de 2023, ocorre no terreiro de Seu Dão, no Alto Santa Teresinha, que “recebe” o referido mestre da Jurema.

sair, anotar, é tudo uma burocracia. Tem que ter tempo pra fazer isso tudo (Depoimento fornecido à autora em entrevista na sede da nação Estrela Brilhante no Alto José do Pinho, em 29 de outubro de 2022).

De acordo com Lima *et al.* (2012), a função de rainha nas nações de maracatu é mais ligada ao exercício do poder sagrado e a de mestre/mestra²⁰, mais atrelada ao poder temporal. Mas, alertam que:

Entretanto, deve se destacar que estes dois polos de poder, sagrado e temporal, estão em constante disputa nessa manifestação. Observa-se uma tensão entre rainha e mestre nas disputas para liderar o grupo a depender de quem exerce a função de presidente. Assim, além de deter o poder religioso, a rainha pode, em certa medida, exercer o poder temporal caso ela seja presidenta do maracatu [...] Dessa forma, uma vez presidenta do grupo, ela parece estar suscetível a enfrentar situações de embates e disputas junto ao mestre que atua junto com ela no maracatu, as quais parecem se estender para os espaços das instituições culturais do estado. Rainhas e mestres na posição de presidente procuram demonstrar a força do seu maracatu, destacando-se que eles prevalecem nesta posição e, portanto, imperam nas lideranças dos grupos (Lima *et al.*, 2012, p. 196).

Um exemplo que dialoga com esta interpretação proposta pelas autoras citadas acima foi a dissidência ocorrida na nação Estrela Brilhante de Recife, cujo baque deixou de ser regido pelo mestre Walter França devido a um desentendimento com Dona Marivalda acerca da participação da nação em um evento. De acordo com alguns batuqueiros da nação Estrela Brilhante, interlocutores de minha pesquisa, a saída de Walter da posição de mestre ocorreu a partir da recusa de Dona Marivalda em participar do Encontro de Mestres da Bomba do Hemetério²¹. Prevaleceu o posicionamento da rainha e presidenta, neste caso, e o cargo de mestre passou a ser exercido por Fábio Aquino (conhecido como mestre Fabinho) a partir de 2019.

Em relação à “burocracia”, Marivalda dos Santos, além de ter voltado a administrar financeiramente a nação Estrela Brilhante de Recife, já atuou como vice-presidente da Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco (AMANPE), uma instituição de cunho consultivo e deliberativo voltada à articulação política e salvaguarda das nações de maracatu pernambucanas²².

Sua atuação cultural e política na cidade de Recife como liderança maracatuzeira, em diálogo com instituições ligadas ao patrimônio em

20 No maracatu-nação, o termo mestre(a) pode se referir a uma entidade da jurema sagrada, portanto, um mestre espiritual que orienta o grupo; ou pode ser usado para denominar a pessoa que rege a orquestra percussiva, sendo fundamental o reconhecimento dos pares e da comunidade do maracatu para que o título seja reconhecido. No contexto do maracatu-nação, apenas duas nações de maracatu têm o baque regido por uma mulher: Encanto do Pina, cuja Mestra é Joana Cavalcante, desde 2008; e Leão Coroado, cuja regente é Karen Aguiar. Esta última não é a responsável pelos cuidados religiosos de sua nação, por isso não costuma se identificar como mestra. A polissemia do termo mestre/mestra será abordada em trabalhos futuros, pois foge ao escopo deste artigo.

21 Neste encontro, as nações sediadas nas imediações deste bairro apenas realizam um arrastão e não se apresentam completas; ou seja, é, sobretudo, um momento em que os/as mestre(a)s demonstram as habilidades de seus batuqueiros e suas batuqueiras para suas comunidades (e não um evento voltado ao turismo).

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

diferentes escalas, como a Fundarpe e o Iphan, ao longo de mais de duas décadas dedicadas ao maracatu-nação, renderam-lhe prestígio social: Rainha Marivalda foi uma das homenageadas pela Prefeitura no Carnaval da cidade do Recife no ano de 2023. Acompanhei, a pedido da rainha²³ (Figuras 2 e 3), uma das cerimônias em que foi homenageada (Baile Municipal da cidade de Recife) por ocasião de minha observação participante junto a sua nação de maracatu.

Figura 2 – Rainha Marivalda, no camarim do Baile Municipal do Recife (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

Mesmo cansada devido às atividades pré-carnavalescas, Dona Marivalda decidiu permanecer no Baile Municipal, evento beneficente promovido pela Prefeitura do Recife, no Classic Hall, após apresentação da nação Estrela Brilhante do Recife. Isso se deu, principalmente, para que os batuqueiros pudessem ter essa experiência única de acompanhar o evento (que teve outras atrações culturais) como “convidados da rainha” homenageada do Carnaval, em um camarote com consumação livre, algo que, infelizmente, não ocorreria de maneira tão fácil devido à desigualdade social e racial que impera em nosso país. No Baile Municipal de 2023, o prefeito João Campos foi, pessoalmente, cumprimentá-la no camarote dos homenageados em que estávamos. O

22 Nem todas as nações de maracatu do estado de Pernambuco participam desta Associação. Em Olinda, temos a Associação de Maracatus de Olinda (AMO), presidida por Kátia Paz; atuando na Região Metropolitana, sobretudo, temos a Associação dos Maracatus-Nação de Pernambuco (AMANPE), presidida por Fábio Sotero (presidente da nação Aurora Africana). Em 2022, em campo, presenciei a articulação política entre duas lideranças de nações que criaram e integrarão a União dos Maracatus-Nação e Agremiações de Pernambuco (UMANA-PE): Maracatu Baque Forte e Maracatu Nação de Oxalá. Atualmente, constam no Plano de Salvaguarda do IPHAN, as colaborações das duas primeiras associações: <http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/planodesalvaguardamaracatunacaoweb.pdf>. Acesso em: 13 mai. 2025.

23 O convite de Dona Marivalda foi para que eu acompanhasse a nação e registrasse as apresentações em fotos e vídeos no Baile Municipal e na Abertura do Carnaval no Marco Zero, mas, infelizmente, por motivos de saúde, não consegui acompanhar a segunda homenagem desde os bastidores, apenas realizando os registros em meio à multidão do público que estava no Marco Zero.

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

reconhecimento obtido pela rainha com esta homenagem parece ter ampliado seu acesso a outros espaços de grande visibilidade no Carnaval e, possivelmente, seu poder de negociação junto a autoridades públicas. Além das mudanças na dimensão simbólica de seu reinado no maracatu-nação, o prêmio obtido com a homenagem pública foi revertido para a construção de mais um andar na sede da nação Estrela Brilhante de Recife, dedicado à realização de ensaios de seus integrantes em uma área maior, favorecendo as performances, conforme relatado pelo mestre Fábio Aquino em 2024.

Figura 3 – Rainha Marivalda, momentos antes de subir ao palco do Baile Municipal do Recife, como homenageada do Carnaval (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

No cotidiano, as funções de rainha e presidenta do maracatu se combinam com outras que envolvem as famílias carnal e estendida (a rainha compartilhou que já ajudou a criar crianças e jovens da comunidade do Alto José do Pinho) e a família de santo. Em sua casa funciona a sede da nação Estrela Brilhante de Recife, cujo quintal é espaço de encontros, trabalhos e aprendizado coletivos. Nele ocorrem desde conversas informais, aconselhamentos com a rainha (que também faz a mediação de alguns conflitos entre os integrantes do maracatu), festas de aniversário do maracatu e de familiares, até a confecção e o conserto de instrumentos, roupas e adereços do maracatu²⁴; oficinas e ensaios da percussão, intervenções artísticas, até o toque para as calungas antes do desfile de agremiações carnavalescas etc. É na sede, também, que Marivalda negocia apresentações, contrata ônibus para transporte dos integrantes a eventos e, posteriormente, recebe batuqueiro(a)s locais para remunerá-lo(a)s com uma ajuda de custo²⁵ após “tocadas” e apresentações da nação. Em suas palavras,

*A nação é o povo, né? Eu não sou a nação sozinha. Eu sou nação porque tem gente que faz a nação comigo*²⁶ (Dona Marivalda,

24 Próximo ao Carnaval, a casa de Dona Marivalda se transforma em um barracão carnavalesco, com dezenas de pessoas se dividindo em turnos e grupos responsáveis por tarefas diversas. Algumas pessoas trabalham por toda a madrugada para que tudo esteja pronto para a avenida.

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

depoimento fornecido à autora em entrevista na sede da nação Estrela Brilhante no Alto José do Pinho, em 29 de outubro de 2022).

A partir do depoimento acima e de minha experiência em campo, é possível afirmar que a liderança desta rainha se exerce a partir do comunitarismo no cotidiano, da partilha de conhecimentos e da criação de estratégias diversas em busca do bem-viver coletivo. Ainda que Dona Marivalda seja a pessoa que lidera o maracatu Estrela Brilhante de Recife, tendo a palavra final nas decisões que envolvem a agremiação, algumas pessoas compartilham com ela a organização da nação para o bom andamento das atividades, tais como: o senhor Jair (seu esposo e *luthier* da nação), a Mãe Gení (filha de Marivalda, princesa na corte do maracatu e designer de roupas da nação), o Arycleiton (baiana rica e musa do Estrela que trabalha no ateliê, costurando com a rainha) e o mestre Fabinho (Fábio Aquino).

Figura 4 – Rainha Marivalda, com suas indumentárias religiosas, no telão do Marco Zero na abertura do evento dos Homenageados do Carnaval (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

25 Essa remuneração/ajuda de custo, continua sendo de R\$50,00, quantia registrada no trabalho de França Filho (2016). Batuqueiro(a)s “de fora”, ou seja, que não são moradores do Alto José do Pinho e de outras comunidades periféricas de suas imediações (como Bomba do Hemetério, e Água Fria, por exemplo), não costumam receber por estas apresentações. Percebi, ao desenvolver minha pesquisa participante em campo, que essa é uma estratégia que viabiliza que alguns batuqueiros e algumas batuqueiras auxiliem suas famílias, tenham momentos de lazer e/ou vislumbrem a carreira musical como um caminho possível de vida, já que muitos batuqueiros do Alto José do Pinho e imediações costumam usar o termo “trabalho” para se referir aos dias de “tocada” no maracatu em que ganharão a referida quantia. Também é importante mencionar a situação de informalidade em que alguns/algumas deste(a)s batuqueiro(a)s se encontram.

26 Em reportagem publicada no jornal “Brasil de Fato”, de 02 de fevereiro de 2023, Dona Marivalda novamente afirmou a importância de sua atuação a partir do compartilhamento de práticas e do reconhecimento de sua comunidade e nação: “Foi uma felicidade. Eu tive covid-19 e estou aqui viva para fazer outros e outros carnavais se Deus quiser e os orixás. Então estou muito feliz de a Prefeitura ter reconhecido meu trabalho. Eu e meu povo, porque eu sozinha não posso ser uma rainha. Tem muito trabalho para fazer” (grifos meus). Disponível em: <<https://www.brasildefato.com.br/2023/02/02/carnaval-em-olinda-e-recife-tera-homenagem-a-grandes-nomes-da-cultura-pernambucana>>. Acesso em: 10 jun. 2024.

Larissa Lima de Souza

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

Na mídia, a Rainha Marivalda foi representada pela Prefeitura de Recife como guardiã do maracatu e dos saberes de terreiro²⁷, alguém que tem contribuído para a salvaguarda desse patrimônio cultural. Tal reconhecimento em vida, de sua trajetória e contribuição para a cultura recifense, de modo geral, e para sua comunidade, mais especificamente, rompe com um padrão de invisibilização ao qual mulheres negras, sobretudo nossas “mais velhas”, são submetidas (Figura 4).

Visibilizando Existências na Paisagem e no Território

O maracatu-nação é uma manifestação cultural dotada de espacialidade, como qualquer prática cultural (Claval, 2012; Ferreira, 2013, 2016). Compreendo a espacialidade deste patrimônio cultural nas dimensões material (técnica) e imaterial (simbólica); ambas se articulam cotidiana e ciclicamente, em espaços-tempos festivos como o Carnaval (Claval, 2012; Ferreira, 2013, 2016).

A maior parte das nações de maracatu pernambucanas se concentra em bairros e comunidades periféricas da Região Metropolitana de Recife, sobretudo na zona norte desta cidade (Ferreira, 2012, 2016). Durante o Carnaval, algumas destas agremiações têm a oportunidade de sair de seus territórios cotidianos e ocupar as ruas de outros bairros, em apresentações em palcos descentralizados e passarelas instalados pela Prefeitura, tendo maior destaque e visibilidade aqueles do centro e do bairro do Recife Antigo, pois recebem maior contingente de foliões (locais e turistas), como o palco do Marco Zero (Figura 5).

Figura 5 – Rainha Marivalda e rei Luiz sob o pálio, entre os demais homenageados do Carnaval 2023, no palco do Marco Zero



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

27 Disponível em: <https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/20/01/2023/guardioes-do-frevo-e-do-maracatu-sao-os-homenageados-do-carnaval-2023-do-recife>. Acesso em: 10 jun. 2024.

As nações de maracatu alteram as paisagens e se territorializam nesses outros espaços através de seus geossímbolos (Bonnemaison, 2012): a corporeidade e musicalidade afrodiaspóricas presentes em suas performances (Salgueiro, 2013; Ferreira, 2012, 2016). Sua presença em espaços centrais adquire um sentido político, de afirmação identitária étnico-racial (cultura negra e de terreiro) e territorial (cada nação representando sua comunidade local), mas também envolve disputas entre as nações que vivem um contexto de muita competitividade devido à dimensão econômica da festa carnavalesca e à própria dinâmica do mercado cultural (Iphan/Fundarpe, 2013; Ferreira, 2012, 2016).

É importante considerar, também, o racismo no Brasil e o “regime padrão de representação” (Hall, 2016) nesse contexto, geralmente associando pessoas que, cotidianamente, dão continuidade aos patrimônios imateriais negros a “alegorias”, como afirma Ferreira (2016). Vistas como “folclore”, sua representação como sujeitos de suas próprias vidas e de seus próprios territórios e territorialidades se enfraquece, e seu potencial de agência (incluindo a espacial) acaba sendo diminuído.

Vimos que ser uma rainha de maracatu não é somente performar um personagem para “entrar na avenida”, uma alegoria no momento do desfile de carnaval, mas envolve, principalmente, um investimento cotidiano na organização e nas relações que permeiam sua nação, seja internamente entre seus detentores ou naquelas que estabelecem com o mundo. Como afirma Ferreira (2013),

O Maracatu-Nação não se configura como um fato folclórico e nem uma brincadeira sazonal, que aparece apenas para alegrar os dias de folia. Para a população negra representa formas de visibilidade e de resistência territorial (Ferreira, 2013, p. 185-186, grifos meus).

Geograficamente, podemos refletir sobre como as representações socioespaciais dialogam e atribuem determinada(o)s “fronteiras e espaços disponíveis para mulheres negras no Novo Mundo” (McKittrick, 2000, p. 225, em tradução livre), ou, nos termos de Lélia Gonzalez (2020) para mulheres “amefricanas”. Onde podemos ser e estar? Até onde podemos avançar?

Para McKittrick, “a geografia fala através dos corpos. É no corpo que a complexidade e a ambiguidade da história, da raça, do racismo e do lugar são inscritas” (McKittrick, 2000, p. 225). Desse modo, as nossas experiências espaciais, compreendendo o espaço geográfico a partir de suas contradições e hierarquias, marcam nossos corpos de modo externo, bem como nossas subjetividades, nosso íntimo, como mulheres negras (McKittrick, 2000).

Durante o Carnaval, a Prefeitura do Recife costuma decorar a cidade, incluindo uma identidade visual que é pensada anualmente. Instalam-se megaestruturas como o famoso Galo da Madrugada, diversas estruturas de ferro com letreiros e painéis elaborados a partir dessa identidade, que sempre inclui as/os homenageada(o)s de determinado ano (Figuras 6 e 7). Em 2023, Rainha Marivalda foi homenageada pela prefeitura do Recife ao lado de Zenaide Bezerra, passista de frevo, e do cantor Geraldo Azevedo.

“Eu Só Mostrei que Eu Existo! Que sou Marivalda, Filha de Xangô!”: Rainha Marivalda e sua Luta contra o Apagamento Social Através do Maracatu-Nação (Recife-PE)

Figura 6 – Arte em homenagem à Rainha Marivalda e a Geraldo Azevedo, expostas na fachada do Paço do Frevo, Praça do Arsenal, Recife Antigo (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

A Prefeitura da cidade do Recife organizou o espaço da festa carnavalesca de tal modo que a decoração se concentrasse em bairros bastante turísticos, nos quais se localizam os polos artísticos com maiores dimensões e que atraem maior fluxo de pessoas, como o Recife Antigo e seus arredores²⁸. O geógrafo Paul Claval nos alerta para a importância de considerarmos, ao realizar uma leitura geográfica das paisagens, as intencionalidades e projeções de futuro presentes no ato de planejá-las, ainda que a organização espacial resultante deste planejamento seja temporária (Claval, 2012).

Figura 7 – Totem decorativo da Prefeitura do Recife em homenagem à Rainha Marivalda exposto no bairro do Recife Antigo (2023)



Fonte: Larissa Lima – Arquivo Pessoal, fevereiro de 2023.

Esses “signos visuais” (Hall, 2016) ou “geossímbolos” (Bonnemaison, 2012), criados para decorar áreas centrais de Recife durante o Carnaval de 2023, adquirem uma multiplicidade de sentidos. Por um lado, essas imagens fizeram parte de uma estratégia espacial da Prefeitura de Recife para representar a cidade como multicultural, diversa e inclusiva, em meio a um mercado cultural competitivo do Carnaval de rua no Brasil. Por outro, considerando as ilustrações em referência à Dona Marivalda (Figuras 6 e 7), ser parte da identidade visual do carnaval de sua cidade em um ano que representou a retomada do Carnaval Multicultural (devido à pandemia de coronavírus) significou marcar a paisagem e, dessa forma, tornar-se visível e, portanto, reconhecida socialmente.

Em setembro de 2023, reencontrei Dona Marivalda e Mãe Gení em uma vivência promovida pelo grupo de maracatu Tambores de Olokun, no bairro carioca da Lapa. Aproveitando sua presença, decidi realizar uma pergunta que possibilitasse que algumas pessoas presentes soubessem que a rainha havia sido homenageada pela prefeitura de sua cidade no ano anterior; também pensei em uma pergunta aberta para que Dona Marivalda se expressasse livremente, ainda que eu imaginasse que ela responderia positivamente. Quando perguntei, publicamente, à rainha da nação Estrela Brilhante de Recife: “Como se sentiu sendo homenageada do Carnaval [2023]?”. Ela, imediatamente, respondeu: “Eu só mostrei que eu existo! Que sou Marivalda, filha de Xangô!”.

Construir e integrar essas paisagens, ou “estar e ser na paisagem” (Barbosa, 2020), ainda, que de forma efêmera, adquire um caráter político ao propor uma representação contrária ao “regime racializado de representação” (Hall, 2016) oficial que invisibiliza, estereotipa e fetichiza sujeitos negros e suas práticas culturais. Ao ocupar a cena pública celebrando os saberes de Dona Marivalda, afirmam-se existências, conhecimentos e práticas que foram – e ainda são – bastante perseguido(a)s em nosso país. A construção e a exposição dessas imagens positivas²⁹ (Hall, 2016) de Dona Marivalda e sua cultura no Recife Antigo são parte do reconhecimento público que obteve em vida e geraram um impacto afirmativo em sua própria autoimagem e autoestima e, também, em sua nação de maracatu, cujos integrantes orgulhosamente celebraram essa conquista de sua rainha.

Considerações Finais

Rainha Marivalda, presidenta da nação de maracatu Estrela Brilhante de Recife, não está isenta das opressões do machismo, do racismo e do elitismo por suas atividades como articuladora cultural. No entanto, ela se mobiliza, cotidianamente, para romper com práticas de silenciamento e representa uma

28 Fonte: <<https://www.folhape.com.br/noticias/carnaval-do-recife-busca-integrar-todos-os-carnavais-a-diversidade-e/255941/>> e <<https://www2.recife.pe.gov.br/noticias/27/01/2023/prefeitura-do-recife-anuncia-volta-do-maior-carnaval-de-rua-do-brasil-0>> . Acesso em: 10 jul. 2024.

29 Não apenas em relação aos signos visuais, mas também às representações associadas à Dona Marivalda, como guardiã do maracatu e dos saberes de terreiro, por exemplo.

figura importante em sua comunidade local (Alto José do Pinho), no âmbito regional (por ser reconhecida como liderança que tem garantido a salvaguarda do Maracatu-nação), assim como nas redes estabelecidas com grupos de maracatu pelo Brasil e mundo afora.

Ao considerarmos que “A Geografia, e a geografia do corpo feminino negro, são utilizadas para reconceitualizar os lugares que as mulheres negras experienciam” (McKittrick, 2000, p. 226), podemos afirmar que as representações positivas de Dona Marivalda inspiram outras mulheres, jovens e crianças negras. Sua presença expressa na paisagem carnavalesca em 2023, como homenageada, tem o potencial de reverberar em novas territorialidades, tanto para afirmar a identidade territorial da nação Estrela Brilhante de Recife, sediada no Alto José do Pinho, quanto para reafirmar um “status” diferenciado em relação a outros maracatus, podendo intensificar disputas simbólicas já existentes entre eles.

Os agenciamentos e o reconhecimento conquistado por Marivalda rompem barreiras simbólicas e pode inspirar muitas outras mulheres e jovens, sobretudo negras, a acreditar que também podem experienciar o mundo a partir da afirmação racial e de gênero positivas e da liderança, conformando paisagens, estabelecendo redes e fortalecendo seu território através da promoção de melhorias não apenas individuais, mas, sobretudo, coletivas.

Referências

AKOTIRENE, Carla. **Interseccionalidade**. São Paulo: Pólen, 2019.

BARBOSA, David Tavares. **Ver, estar e ser (n)a paisagem: Cidadania paisagística e o direito à paisagem na cidade do Recife/PE**. Rio de Janeiro, 2020. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-Graduação em Geografia, Instituto de Geociências, Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2020.

BONNEMAISON, J. Viagem em torno do território. In: ROSENDAHL, Z.; CORRÊA, R. L. (orgs.) **Geografia Cultural: uma antologia**. Rio de Janeiro: Eduerj, 2012. v. 1.

CARNEIRO, Sueli. **Racismo, sexismo e desigualdade no Brasil**. São Paulo: Selo Negro, 2011. (Consciência em debate/ coordenadora Vera Lúcia Benedito).

CARVALHO, Ernesto Ignacio de. **Diálogo de negros, monólogo de brancos: Transformações e apropriações musicais no maracatu de baque virado**. 2007. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

CLAVAL. Paul. A paisagem dos geógrafos. In: CORRÊA, Roberto Lobato; ROSENDAHL, Zeny. (orgs.) **Geografia cultural: uma antologia**, v. 1, Rio de Janeiro: EdUERJ, 2012. p. 245-276.

FERREIRA, Cleison Leite. **A Geografia do maracatu-nação de Pernambuco: representações espaciais e deslocamento de elementos no Brasil e no mundo**. 2016. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, Universidade de Brasília, Brasília, 2016.

FERREIRA, Cleison Leite. O espaço dos Maracatus-Nação de Pernambuco: território e representação. In: GUILLEN, Isabel Cristina Martins (org.). **Inventário cultural dos maracatus-nação**. Recife: Ed. Universitária da UFPE, 2013. p. 165-198.

FRANÇA FILHO, Walter Ferreira de. **Tradições compartilhadas: maracatus-nação e grupos percussivos na efervescência cultural de Pernambuco dos anos 1990**. 2016. Dissertação (Mestrado em História) – Programa de Pós-Graduação em História. Universidade Federal de Pernambuco, Recife.

GONZALEZ, Lélia. **Por um feminismo afro-latino-americano: ensaios, intervenções e diálogos**. (Organização de Flávia Rios e Márcia Lima). 1. ed., Rio de Janeiro: Zahar, 2020.

GUILLEN, Isabel Cristina Martins. Entre bordados, costuras e tambores: a oralidade nos maracatus-nação de Recife, Pernambuco. Apontamentos para pensar o trabalho de campo e a história oral nos inventários do patrimônio imaterial. In: BAUER, L.; BORGES, V. T. B. (Org.). **História oral e patrimônio cultural: Potencialidades e transformações**. 1. ed., São Paulo: Letra e Voz, v. 1, 2018. p. 113-135.

GUILLEN, Isabel Cristina. Rainhas coroadas: história e ritual nos maracatus-nação do Recife. In: LIMA, I.M.F.; GUILLEN, I.C.M. (orgs). **Cultura afro-descendente no Recife: maracatus, valentes e catimbós**. Recife: Bagaço, 2007. p. 179-202.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. **Rio Negro de Janeiro: olhares geográficos de suas heranças negras e o racismo no processo-projeto patrimonial**. 2015. Tese (Doutorado em Geografia) – Programa de Pós-graduação em Geografia, UFBA, Salvador, 2015.

GUIMARÃES, Geny Ferreira. Geo-grafias negras & geografias negras. **Revista da associação brasileira de pesquisadores/as negros/as (ABPN)**, n. 12, 2020, p. 292–311.

HAESBAERT, Rogério. **O mito da desterritorialização – Do “Fim dos Territórios” à Multiterritorialidade**. 7 ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

HALL, Stuart. **Cultura e Representação**. In: ITUASSU, Arthur. (org.). Tradução de Daniel Miranda e William Oliveira. Rio de Janeiro: Ed. PUC-Rio, Apicuri, 2016.

IPHAN/ FUNDARPE. **Dossiê do Maracatu-Nação**: Inventário Nacional De Referências Culturais – INRC do Maracatu Nação, 2013. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/ckfinder/arquivos/DOSSIE_MARACATU_NA%C3%87%C3%83O.pdf. Acesso em: 5 maio 2021.

KOSLINSKI, Anna Beatriz Zanine. **“A minha nação é nagô, a vocês eu vou apresentar”: mito, simbolismo e identidade na Nação do Maracatu Porto Rico**. 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

KUBRUSLY, Clarisse. **A experiência etnográfica de Katarina Real (1927-2006): colecionando maracatus em Recife. 2007**. Dissertação (Mestrado em Sociologia com concentração em Antropologia) – Programa de Pós-graduação em Sociologia e Antropologia, (PPGSA), do Instituto de Filosofia e Ciências Sociais, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Em defesa da tradição: Luiz de França, mestre do maracatu-nação Leão Coroad, nas memórias de maracatuzeiros e maracatuzeiras. **Diálogos**, v. 20, n. 2, 2016a. p. 162-178.

LIMA, Ivaldo Marciano de França. Batalhas para além de confetes e serpentinas: a espetacularização no carnaval pernambucano e nos maracatus-nação. **Dimensões**, v. 37, jul./dez. 2016b, p. 214-242.

LIMA, Ivaldo Marciano França. Maracatu-Nação e grupos percussivos: diferenças, conceitos e histórias. **História: Questões & Debates**, Curitiba, n. 61, p. 303-328, jul./dez. 2014.

LIMA, Patrícia Geórgia; OLIVEIRA, Jailma Maria; ALBERNAZ, Lady Selma. Maracatus e bumba-bois: onde estão as mulheres?. **Revista Intratextos**, 4(1), 2012, p. 181-200.

LOPES, Nei. **Novo Dicionário Banto do Brasil**. Rio de Janeiro: Pallas, 2006.

MCKITTRICK, Katherine. **Dear Science and other stories**. Durham: Duke University Press, 2021. Series: Erranties.

MCKITTRICK, Katherine. **Demonic Grounds**: Black women and the cartographies of struggle. Minneapolis: University of Minnesota Press, 2006.

MCKITTRICK, Katherine. “Who do you talk to, when a body’s in trouble?”: M. Nourbese Philip’s (un)silencing of black bodies in the diáspora. **Social & Cultural Geography**, v. 1, n. 2, 2000.

MCKITTRICK, Katherine; WOODS, Clyde. “No One Knows the Mysteries at the Bottom of the Ocean”. In: MCKITTRICK, Katherine; WOODS, Clyde. (eds.). **Black Geographies and the Politics of Place**. Toronto: Between the Lines Press, 2007, p. 1-13.

NASCIMENTO, Beatriz. **Uma história feita por mãos negras: Relações raciais, quilombos e movimentos.** In: RATTIS, Alex. (org.). 1. ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2021.

OLIVEIRA, Jailma Maria. **Rainhas, mestres e tambores: gênero, corpo e artefatos no maracatu-nação pernambucano.** 2011. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal de Pernambuco, Recife, 2011.

OLIVEIRA, Jailma Maria. “... Quem manda aqui sou eu!” Rainhas Coroadas nos Maracatus Nação Pernambucanos: inversões de papéis e rupturas nos espaços de poder. **Revista de estudos e investigações antropológicas**, ano 4, v. 4(1), 2017. p. 132-152.

SACK, R. **Human Territoriality: its theory and history.** Cambridge: Cambridge University Press, 1986.

SALGUEIRO, Laís. **Os movimentos do Maracatu Estrela Brilhante de Recife: os “trabalhos” de uma “nação diferente”.** 2013. Dissertação (Mestrado em Antropologia) – Programa de Pós-Graduação em Antropologia, Universidade Federal Fluminense, Niterói, 2013.

SANTOS, Milton. **A Natureza do Espaço: Técnica e Tempo, Razão e Emoção.** 4. ed., 4. reimpre. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2008.

SOUZA, Larissa Lima de. Maracatu-Nação e (ex)posição no espaço público: uma interpretação geográfica sobre patrimônio imaterial e identidade religiosa a partir da coroação de rei e rainha da nação Encanto da Alegria (Recife- PE, 2022). **Revista de geografia** (Recife), v. 41, n. 3, 2024 (Especial). p. 243–268.

Recebido em 13 de julho de 2024.

Aceito em 02 de abril de 2025.

Larissa Lima de Souza

